

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
LABORATORIO DE ARTE E TECNOLOGIA

Camila Proto

Língua Mãe:  
a palavra como dispositivo contemporâneo

Prof.a. Marina Bortoluz Polidoro

Porto Alegre  
2017

Uma sílaba justaposta a outra forma um objeto de comunicação. Objeto âncora, preenchido por vazios: palavra. Se arma de fogo é objeto, também pode ser palavra. Gatilho, ação e dispositivo. Preencher espaços com palavras ou palavrear para encher a sala de estar. O revólver segue existindo em minhas mãos; a pólvora que banha meus dedos de cinza escuro é a única coisa visível ao olho humano. Aponto para frente a arma de fogo que dilata-se no ambiente e explode ao mero abrir da janela. A sala de estar pega fogo, as cortinas em pranto, os tapetes em brasas. Consumo a sala ao estar presente; dali, só sobraram sílabas desconexas, palavras tortas e ressignificadas. Do meu revólver, agora pó, sobrou apenas o gatilho, que existe em mera silhueta, a partir de letras avulsas que formam uma mesma palavra: dispositivo.

O projeto “Língua mãe” se utiliza da palavra como dispositivo contemporâneo para desencadear debates e discussões acerca dos signos que nos acompanham. Baseado nas condições de sampleamento, o projeto propõe uma instalação sonora interativa, na qual o espectador é exposto à uma série de palavras fora de seu contexto usual, e se espera que o mesmo busque e crie uma linha de significados para usufruir desta nova linguagem proposta. Se palavra é comunicação e arte é palavra, arte também é comunicação. Como não esperar de uma arma de fogo uma bala? O objeto dispositivo-palavra se propõe a gerar uma ação, um impacto, uma explosão.

O projeto ganha o nome de Língua Mãe por remeter à condição materna de construção: quem ensina a palavra e o que ela significa. A mãe que gera em seu ventre o indivíduo que está por vir e se utiliza da palavra como dispositivo contemporâneo. É uma proposta de não estagnação; de movimento e de ressignificação. O formato de sampleador se propõe a criar um diálogo entre uma palavra e outra, entre a frase que se forma ao fim da palavra e como isso irá também dialogar com o espectador.

A arte sonora está em constante movimento e transformação, dada a obsolescência dos suportes trabalhados ou mesmo as condições de espacialização sugeridas. O grupo Chelpe Ferro (1995), formado pelos artistas Barrão, Luiz Zerbini e Sérgio Mekler produzem obras sonoras que dialogam com o nosso referencial visual cotidiano: em “Jungle Jam” (2010), uma instalação sonora e visual, o grupo cria, a partir de mixers de alimentos

e sacolas plásticas, uma sinfonia ordinária e inusitada, em que os padrões de movimentos de cada objeto é aleatório e compõe sons e sensações inquietantes. Já a obra “The Murder Of Crows” (2008), dos artistas Janet Cardiff e George Bures Miller, é uma instalação sonora que se utiliza apenas de caixas de som, de onde saem diversas vozes que criam um grande coral de vozes. O espectador é convidado a sentar e apreciar o espetáculo.

Em fluxo com as propostas artísticas acima citadas, o projeto Língua Mãe se deparou com uma constante na maioria dos trabalhos que se relacionava: o diálogo com o espectador e as suas relações de troca.

“Dada a quase total saturação do repertório imagético do nosso mercado, assim segue o argumento, a prática artística não pode mais girar em torno da construção de objetos a serem consumidos por um espectador passivo. (...)” BISHOP, Claire (pg. 11, 2012)

Na contemporaneidade, o espectador se torna agente ativo e parte da obra de arte; estamos vivendo em um contexto de interação e colaboração, onde a autoria é deixada muitas vezes de lado e a noção de autonomia da arte é negada, pois dialogar apenas esteticamente com a arte hoje não é mais possível. Criamos obras dentro de um *regime estético* (Rancière, 2010), e necessitamos compreender as relações estético-políticas que se instauram na arte contemporânea. O espectador ativo é o que faz a obra existir: sem o diálogo com o espectador, a obra passa a ser um mero objeto contemplativo. O projeto Língua Mãe busca estabelecer esse diálogo direto com o espectador, ao proporcionar um espaço de ação e reação, e de conflito entre a ficção e a realidade, ao deparar-se com a problemática da ressignificação.

Esse espaço de ação, no contexto contemporâneo da arte, é um dos pilares de discussão do projeto. Tornar o espaço de exposição em um local de ressignificação, a partir dos dispositivo-palavras, é também dialogar com a proposta de um espaço expandido para a arte, em que a ação e o gatilho criam de forma proposital um preenchimento do espaço. Não mais paredes brancas e suportes de contemplação: espaços ativos recheados de signos e possibilidades, espaços de experiência e memória.

“O ambiente de instalação também permite maior participação do espectador no processo de ‘completar o objeto de arte’, segundo a famosa frase de Duchamp. Em muitas instalações, o espectador entra de fato na obra de arte em um sentido literal para vivenciá-la.” RUSH, Michael (2013)

Em um contexto de memória líquida, em que o registro se torna mais importante que a experiência presente, possibilitar a imersão nesses espaços se torna fundamental. O projeto Língua Mãe não possui função estético-política se não houver a ação; torna-se um simples código de programação, estático e sem finalidade. A palavra significa o discurso do pensar. Como gatilho para a experiência contemporânea, a palavra se transforma com cada cultura e em cada ligação em ventre.

São as relações semióticas das palavras e das imagens que se criam conseqüentemente que tornam-se o ponto central explorado pelo projeto. Há também uma abordagem ao simulacro: por mais que o espectador tenha total liberdade de criação, as palavras já são pré-definidas pela artista, gerando um conflito de poder e de possibilidades. O trabalho é realizado a partir do conceito de simulacro, por criar em ficção uma nova linguagem, e um espaço onde o espectador pode se desvincular da sua própria linguagem cultural e dos signos que se constroem ao redor dela.

Experimentar a palavra de outra forma, que não a com o seu significado social pré-determinado, e gerar vínculos de ação, além de possibilidades estético-políticas para o espectador/interator, são os principais pontos de discussão abordados pelo projeto Língua Mãe. Ao pensar a palavra como dispositivo contemporâneo, instituímos a linguagem como campo de experimentação e de debate. Desestruturar estruturas clássicas como a linguagem e vinculá-las a outros signos ou preposições nada mais é do que gerar um gatilho para novas abordagens, pensamentos e relações. Gatilho este que se encontra na mão do artista e, ao ser disparado, cria um enorme campo de estilhaços, discursos e provocações a espera de alguém que esteja disposto a imergir no espaço e gerar novos diálogos com a contemporaneidade.

## Referências:

1. BISHOP, Claire. *Artificial Hells*. New York: Verso, 2012.
2. BISHOP, Claire. *A virada social: colaboração e seus degostos*. Concinnitas, 2008.
3. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: Estética e Política*. São Paulo: EXO experimental org, 2009.
4. RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.
5. RUSH, Michael. *Novas Mídias na Arte Contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.